

Os consórcios nos cultivos da horta pedagógica como sementes para a abordagem da diversidade sociocultural

Intercropping in the educational garden as seeds to addressing sociocultural diversity

Yayenca Yllas¹, Heloisa Tozato², Marcelo Borges Rocha³

RESUMO: A construção de hortas pedagógicas em ambientes escolares tem se mostrado uma estratégia eficaz para promover a educação ambiental, nutricional e interdisciplinar entre os educandos. Embasado nos conceitos da agroecologia, o presente estudo teve como objetivo abordar e valorizar a diversidade humana presente na comunidade escolar a partir dos cultivos em consórcios na horta pedagógica da Escola Municipal GET Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro. Utilizando uma abordagem qualitativa e etnográfica, a pesquisa foi conduzida ao longo dos anos letivos de 2021 até 2024, envolvendo estudantes, docentes, gestores pedagógicos e a comunidade escolar. Os resultados indicaram que, por meio das vivências na pesquisa-ação, os consórcios de culturas na horta não apenas promoveram o crescimento dos vegetais, mas também estimularam discussões sobre diversidade étnica, cultural e social. O plantio de diferentes espécies vegetais em associação permitiu aos estudantes refletir sobre a importância da diversidade na sociedade e promoveu o respeito mútuo entre os educandos. Espera-se que os resultados inspirem outras instituições educacionais a adotarem práticas semelhantes.

PALAVRAS-CHAVE: agroecologia; currículo; equidade.

ABSTRACT: The construction of pedagogical gardens in school environments has proven to be an effective strategy for promoting environmental, nutritional, and interdisciplinary education among students. Based on the concepts of agroecology, this study aimed to address and value the human diversity present in the school community through crop consortiums in the pedagogical garden of GET Pedro Ernesto Municipal School, in Rio de Janeiro. Using a qualitative and ethnographic approach, the research was conducted over the school years from 2021 to 2024, involving students, teachers, pedagogical managers, and the school community. The results indicated that, through the experiences in the action-research process, the intercropping practices in the garden not only promoted plant growth but also fostered discussions on ethnic, cultural, and social diversity. The planting of different plant species in association allowed students to reflect on the importance of diversity in society and fostered mutual respect among them. It is hoped that the results will inspire other educational institutions to adopt similar practices.

KEYWORDS: agroecology; curriculum; equity.

¹ Doutoranda bolsista do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do CEFET/RJ, mestra em Tecnologia para o Desenvolvimento Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/NIDES). E-mail: yayenca@gmail.com

² Ph.D. em Geografia pela Université de Rennes 2 (Rennes, França) e Doutora em Ciências Ambientais pela Universidade de São Paulo (São Paulo, Brasil). Docente do Bacharelado em Gestão Ambiental, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP).

³ Doutor em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Ensino Superior e do Programa de Pós Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ).

*A diversidade cultural é a riqueza da humanidade.
Moacir Gadotti (1992)*

INTRODUÇÃO

Restabelecer a conexão entre o alimento e a Natureza tem se consolidado como um elemento central nas ações educativas voltadas para nutrição e alimentação (Coelho e Bógus, 2016). Assim sendo, a construção de hortas e agroflorestas pedagógicas em ambientes escolares se configura como uma estratégia eficaz para promover a educação ambiental, nutricional e interdisciplinar entre os alunos (Yllas, 2023). Contudo, pouco se discute sobre como esse espaço pedagógico pode ser utilizado para abordar e valorizar a diversidade humana presente na comunidade escolar, por exemplo, por meio de práticas pedagógicas relacionadas aos consórcios nos cultivos da horta.

Cultivar uma horta ou agrofloresta utilizando a tecnologia social de consórcios agroecológicos é uma prática em que diferentes espécies vegetais são plantadas juntas em um mesmo espaço, promovendo interações benéficas entre elas (Primavesi, 2016a). Essa abordagem visa aumentar a biodiversidade, melhorar a saúde do solo, otimizar o uso de elementos naturais como água e luz, e reduzir a necessidade de insumos externos, como fertilizantes e pesticidas (Primavesi, 2016b).

Neste sentido, Ana Primavesi (2020, p. 66) defende que “a consorciação não somente protege melhor a terra, mantendo-a mais úmida e mais fresca, mas ao mesmo tempo quebra o efeito da monocultura”. Esta afirmação da autora abre o debate semântico para a discussão a respeito da importância das sinergias e dos consórcios nas plantações, comparando-os com os vínculos que temos com colegas e amigos. Por exemplo, semear milho (*Zea mays*), abóbora (*Cucurbita pepo*) e feijões (*Phaseolus vulgaris*) como culturas consorciadas, seguindo o modelo tradicional mexicano conhecido como Milpa, suscita investigações que abordam questões históricas e geográficas para além das Ciências da Natureza, proporcionando uma abordagem contextualizada a respeito das diferentes culturas, territórios e modos de vida das populações. Linares e Bye (2011) destacaram que a Milpa representa um exemplo claro da biodiversidade que os seres humanos têm gerenciado de forma sustentável ao longo de milênios para garantir sua sobrevivência.

Na discussão sobre a interação humana com a Natureza, Isabel Carvalho (2008, p. 96) pondera que “a prática de plantar cereais ou vegetais em linha reta não era apenas um modo eficiente de utilizar os espaços, mas também constituía uma forma agradável de impor a ordem humana sobre o mundo natural desordenado”. Marquese e Tomich (2009) acrescentam que, nos tempos do Império, o plantio linear nos monocultivos de café (*Coffea arabica*), por exemplo, era uma estratégia de controle sobre as pessoas escravizadas, sem atentar para as consequências

ambientais da erosão resultante no solo. De acordo com Primavesi (2020), quanto maior a diversidade de plantas, mais diversa é a vida no terreno.

O estudo⁴ foi conduzido durante os anos letivos de 2021 a 2024 na Escola Municipal GET Pedro Ernesto (EMPE), que atende estudantes do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I e está situada no bairro da Lagoa, no Rio de Janeiro. Utilizou-se como abordagem principal a pesquisa-ação (Thiollent, 1986), complementada pela observação participante (May, 2004) e pela realização de rodas de conversa (Afonso e Abade, 2008). Participaram da investigação os estudantes das 9 turmas ao longo dos quatro anos letivos (aproximadamente 420 crianças), docentes, a gestão pedagógica, colaboradores e a comunidade escolar da EMPE.

As atividades curriculares foram baseadas nos princípios do Planejamento Dialógico Ecopedagógico (Yllas *et al.*, 2024) entre os docentes, a gestão pedagógica, os estudantes e a pesquisadora. Esse processo envolveu o diálogo constante entre os participantes e a escuta atenta das demandas dos estudantes, levando em consideração as diretrizes curriculares estabelecidas pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME/RJ), incluindo o Currículo Carioca, que é alicerçado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Os encontros com cada turma ocorreram quinzenalmente, em aulas com duração de 50 minutos. Nas semanas intercaladas, os educadores tinham a oportunidade de expandir a aula prática da horta, incentivando assim um espiral de interrogantes e o espírito de uma cultura investigativa.

Assim sendo, a construção e a manutenção coletiva da horta agroecológica e pedagógica da EMPE foram o pano de fundo para o desenvolvimento dos conceitos dos consórcios atrelados à diversidade sociocultural da EMPE. Desta forma, o presente estudo teve como objetivo abordar e valorizar a diversidade humana presente na comunidade escolar a partir dos cultivos em consórcios na horta pedagógica da Escola Municipal GET Pedro Ernesto (EMPE), no Rio de Janeiro.

DESENVOLVIMENTO

Para aprofundar a compreensão sobre a importância dos consórcios agroecológicos na horta pedagógica da Escola Municipal GET Pedro Ernesto (EMPE), foram consideradas as reflexões propostas por Ana Primavesi (2016a, 2016b, 2020 e 2021), que evidenciam como a diversidade de cultivos beneficia o solo e protege as plantas. A partir desse princípio, foram promovidas reflexões

⁴ Pesquisa registrada na Plataforma Brasil (Comitê de Ética – Hospital Universitário Clementino Fraga Filho – HUCFF/UFRJ) sob os Certificados de Apresentação para Apreciação Ética (CAAEs) nº 48164921.8.0000.5257 (mestrado) e nº 80732124.4.0000.5257 (doutorado). Todas as pessoas participantes assinaram os Termos de Consentimento e Assentimento Livre e Esclarecidos (TCLE e TALES).

com os estudantes sobre quais plantas poderiam ser cultivadas na horta pedagógica e qual seria o melhor consórcio, de acordo com as necessidades agroecológicas para cada espécie vegetal selecionada.

Desde o início da pesquisa-ação, a construção da horta pedagógica foi pautada por um processo colaborativo e dialógico em que a participação ativa de todos os envolvidos — educandos, docentes e membros da comunidade — desde o planejamento até a execução, possibilitou uma troca enriquecedora de conhecimentos e experiências (Yllas, 2023). Essa abordagem facilitou a integração de diferentes perspectivas, bem como promoveu um ambiente de aprendizado em que cada um pôde aprender com o outro. O diálogo permanente e a colaboração mútua fortaleceram o compromisso com o projeto e enriqueceram a prática pedagógica, refletindo a importância da coautoria na construção de saberes e na aplicação de conceitos agroecológicos no contexto escolar da EMPE.

Nesse contexto, discutiu-se a importância do planejamento e a observação dos plantios nos canteiros da horta da EMPE de forma a evitar a linearidade encontrada nas plantações convencionais (Figura 1a). O princípio de plantio “desordenado” busca a proteção entre a diversidade de espécies vegetais cultivadas diante da possível infestação de uma “praga”. Assim, durante o plantio coletivo na horta escolar, a pedagogia brincante possibilitou que as crianças se fundamentassem na própria observação e nas reflexões prévias, promovendo o senso crítico durante a ação, permitindo a autonomia e a colaboração ativa. Como exemplo, o plantio de arruda (*Ruta graveolens*) e de cravo-de-defunto (*Tagetes erecta*), misturado com os cultivos de espécies comestíveis, atuou como repelente dos possíveis insetos predadores, bem como auxiliou a atrair polinizadores (Figura 1b).

Foram cultivados simultaneamente diversos tipos de girassóis (*Helianthus annuus*), quiabos (*Abelmoschus esculentus*), alfaces (*Lactuca sativa*), milhos (*Zea mays*) e ipês (*Handroanthus* sp.) não apenas como uma atividade agrícola, mas também como um caminho para uma prática antirracista na educação formal. A didática utilizada no cultivo do milho crioulo (*Zea mays*), que contou com sementes de diversas cores (amarelas, douradas, vermelhas, roxas, cinzas, brancas), proporcionou uma analogia para abordar questões raciais, permitindo que os estudantes pesquisassem e compreendessem a importância da diversidade étnica e cultural na sociedade (Figura 1c).

A leitura do livro “A Cor de Coraline”, do autor e ilustrador Alexandre Rampazo (2018), foi integrada às práticas que abordavam o plantio de espécies mencionadas no parágrafo anterior, estabelecendo uma conexão entre a literatura antirracista e a agricultura pedagógica. O livro, que

aborda a diversidade das cores de pele, foi conectado às diversas cores de sementes apresentadas aos estudantes.

Assim sendo, enquanto os educandos cultivavam milhos crioulos (*Zea mays*) de várias cores, refletiam sobre a mensagem do livro, reconhecendo que, assim como cada cor de milho é distinta, cada cor de pele contribui para a riqueza da sociedade. Essa abordagem reforçou a compreensão das questões raciais e a importância da diversidade, promovendo uma experiência educacional que celebrava a pluralidade cultural e a equidade.

Figura 1. Consórcios agroecológicos na horta pedagógica e seus desdobramentos na Escola Municipal GET Pedro Ernesto (EMPE) por meio da pesquisa-ação



(a) Biodiversidade nos canteiros da horta: o planejamento e a observação cuidadosa dos plantios buscaram romper com a linearidade das plantações convencionais, em 2023. (b) Observação de borboletas que visitam os cravo-de-defunto (*Tagetes erecta*) na horta da EMPE, em 2022. (c) Trabalhando a biodiversidade de milhos crioulos (*Zea mays*) em sala de aula antes do plantio na horta, em 2021. (d) Interdisciplinaridade com girassóis diversos, atrelado à apostila RioEduca. (e) Consórcios de quiabos verdes e vermelhos (*Abelmoschus esculentus*) e melancias (*Citrullus lanatus*), fortalecendo as amizades entre as turmas do 3º e 4º anos em 2024. (f) Consórcio de manjerição (*Ocimum basilicum* L.) associado à plantação de tomateiros (*Solanum lycopersicon*), propiciando uma pizza Margherita com desdobramentos matemáticos na divisão das fatias, em 2023. Fonte: Autores, (2024)

Neste mesmo sentido, o livro “Amoras”, escrito pelo rapper Emicida (2018), atrelado à prática de transplantar uma amoreira (*Morus nigra L.*) na horta escolar, contribuiu reforçando as discussões sobre diversidade e identidade cultural. Assim como a variedade de cores nas sementes de milho crioulo foi utilizada para promover a valorização das etnias e culturas, a frase “Em um passeio com a pequena no pomar, explico que as pretinhas são o melhor que há” (Emicida, 2018, n.p.) trouxe uma reflexão positiva sobre as amoras escuras e suas possíveis interpretações. A continuidade dessa discussão se deu com a frase “Me olhou nos olhos muito bem, e disse: PAPAI, QUE BOM PORQUE EU SOU PRETINHA TAMBÉM!” (*ibidem*, 2018, n.p.), que abriu espaço para que educandos e educadoras abordassem temas de identidade, valorização cultural e aceitação pessoal (Jesus e Yllas, 2024), fortalecendo o ambiente de respeito à diversidade que já vinha sendo cultivado na horta.

Desta forma, a incorporação destes tipos de espécies vegetais variadas, atrelada à literatura afro-brasileira, alinha-se com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) brasileira, os componentes curriculares do ensino fundamental e a Lei 11.645/08, que exige o ensino de história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas, promovendo o respeito e reconhecimento da diversidade cultural e a valorização das diferentes identidades no contexto educativo.

Durante o plantio de diversos tipos de alfaces (*Lactuca sativa*) na horta pedagógica, uma aluna expressou: “eu quero a alface crespa porque meu cabelo é crespo”. Esta fala revela uma identificação simbólica entre a estudante e a planta, estabelecendo uma conexão entre a própria aparência e a natureza da espécie vegetal escolhida. A afirmação demonstra como este tipo de prática pode estimular reflexões sobre identidade e autoestima, além de promover o respeito às características individuais. Ao relacionar a imagem da alface crespa no pacote de sementes com o seu cabelo crespo, a aluna reconheceu e valorizou a diversidade, destacando como as vivências na horta podem oferecer oportunidades para abordar questões de representatividade, subjetividade e aceitação das diferenças no ambiente escolar.

Assim sendo, por meio dessas experiências, os educandos puderam refletir sobre diferentes perspectivas, experiências e contribuições das diversas etnias, promovendo o respeito mútuo e a valorização da pluralidade cultural como parte essencial de uma atividade educacional inclusiva e antirracista. Em depoimento, uma docente ressalta a importância dessas práticas pedagógicas que vão além do conteúdo ensinado em sala de aula, enfatizando a importância das experiências vivenciais para os estudantes. Segundo ela, “as crianças não negras aprenderam muito com isso, porque a gente só aprende a respeitar aquilo que é ensinado, a gente aprende a valorizar aquilo que

é ensinado. E o ensinamento não é só botar no quadro o conteúdo para copiar não, são essas práticas [...] E aí é que está a grande chave”.

Quanto à integração das experiências na horta com o currículo escolar, destaca-se a prática que envolveu a diversidade de girassóis (*Helianthus annuus*), atrelada a uma didática pedagógica proposta no livro didático RioEduca do 2º ano (Figura 1d). Os estudantes tiveram a oportunidade de cultivar diversas variedades de girassóis na horta pedagógica, embora os girassóis apresentados no livro didático fossem todos da mesma variedade. Essa integração não apenas enriqueceu o aprendizado dos educandos, mas também demonstrou a eficácia da incorporação da educação ambiental prática no ambiente educacional. Essa abordagem promoveu uma compreensão mais abrangente e interconectada ao cotidiano escolar, enquanto eram desenvolvidas competências em disciplinas como Matemática e Língua Portuguesa. No contexto das pesquisas relacionadas aos consórcios, os educandos descobriram que as alfaces (*Lactuca sativa*) devem ser plantadas longe dos girassóis (*Helianthus annuus*), uma vez que as culturas não se beneficiam mutuamente. Este achado possibilitou um diálogo reflexivo sobre as relações humanas e a importância da compreensão das interações entre diferentes elementos, tanto na Natureza quanto na sociedade.

Ainda em relação aos vínculos humanos comparados aos consórcios agroecológicos nas plantações, em 2024, duas turmas da EMPE semearam culturas em consórcio. Os estudantes do 4º ano cultivaram sementes de quiabos verdes e vermelhos (*Abelmoschus esculentus*), enquanto os do 3º ano plantaram, do lado, sementes de melancias (*Citrullus lanatus*), o que está representado na Figura 1e. Durante uma roda de conversa prévia às sementeiras, dialogou-se sobre os laços que os educandos têm com os estudantes de outras turmas. Na ocasião, foi feita uma consulta sobre quem é amigo de quem e como cada um se sentia na companhia dessas pessoas. Essa interação proporcionou uma oportunidade para os estudantes refletirem sobre suas relações interpessoais enquanto participavam das atividades curriculares na horta, promovendo uma maior sensibilização sobre a importância da colaboração e do trabalho em equipe. Vale ressaltar que as duas professoras regentes ingressaram na EMPE no ano letivo em questão e tinham estabelecido conexões, tornando a apresentação do conceito de consórcios uma oportunidade significativa para a relação profissional entre elas.

Outro exemplo adicional de consórcio de culturas foi o cultivo de manjeriço (*Ocimum basilicum* L.) associado à plantação de tomateiros (*Solanum lycopersicon*), conforme indicado por Sequeira (2020). Durante os encontros da pesquisa-ação na horta, as crianças associaram que esses vegetais são utilizados em uma das receitas de pizza mais consumidas no Rio de Janeiro, a pizza Margherita, e que estavam prontos para colheita na horta pedagógica. Assim, uma receita foi preparada por uma das turmas como parte de uma sequência didática flexível que incorporou

componentes da Língua Portuguesa e da Matemática de forma prática e significativa (Yllas *et al.*, 2023), como ilustrado na Figura 1f. Esta prática trouxe desdobramentos de ações de Educação Alimentar e Nutricional (EAN), propiciando a promoção da qualidade de vida e reflexões, tal qual sugere o Marco de Referência em Educação Alimentar e Nutricional para as políticas públicas:

A prática de EAN deve fazer uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos, que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso da vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar (Brasil, 2012, p. 23).

O exemplo descrito ilustra como o consórcio de culturas pode ser abordado como uma ferramenta educacional, integrando conhecimentos práticos de horticultura com componentes curriculares escolares e promovendo a Educação Alimentar e Nutricional (EAN). A prática ativa e contextualizada propiciou um aprendizado mais significativo e reflexivo, alinhado com as diretrizes de políticas públicas de EAN. Ao mesmo tempo, o cultivo do próprio alimento estimula o vínculo entre o educando e a Natureza. De acordo com Coelho e Bógus (2016, p. 768), “esse contato com os alimentos da horta pode contribuir para construir uma relação diferente do que se tem hoje com os alimentos, com uma simbologia e uma identidade que o diferenciem do alimento padronizado”. Ao mesmo tempo, a prática se alinhou às diretrizes do Guia Alimentar para a população brasileira (2014), que recomenda cozinhar e degustar juntos os alimentos, reforçando a transmissão de habilidades culinárias entre gerações. De acordo com o guia, “o enfraquecimento da transmissão de habilidades culinárias entre gerações favorece o consumo de alimentos ultraprocessados” (Brasil, 2014, p. 112), o que corrobora que cozinhar junto aos educandos tanto pode auxiliar numa alimentação mais saudável quanto melhorar os vínculos afetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destacou a importância dos consórcios nas culturas da horta pedagógica da Escola Municipal GET Pedro Ernesto (EMPE) como um recurso para abordar e valorizar a diversidade humana na unidade escolar. A prática de plantar diferentes espécies vegetais em associação, inspirada nos conceitos agroecológicos, promoveu a interação entre as crianças, valorizando suas diferenças e habilidades. Além disso, a diversidade de plantas na horta pedagógica serviu como ponto de partida para discussões sobre inclusão, respeito às diferenças e cooperação. A análise dos resultados sugere que a horta pedagógica pode ser mais do que um espaço de cultivo de alimentos, tornando-se um ambiente propício para a promoção da diversidade humana.

Os resultados obtidos na pesquisa-ação na EMPE demonstram o potencial da horta pedagógica como um espaço de aprendizado significativo, interdisciplinar e inclusivo, onde a diversidade é não apenas reconhecida, mas celebrada e valorizada. Espera-se que esta pesquisa-ação possa inspirar outras escolas a adotarem práticas semelhantes, promovendo uma educação mais equitativa em contextos educativos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria; ABADE, Flávia. Para reinventar as rodas. **Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros, Belo Horizonte**, p. 95-117, 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas*. MDS, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Guia alimentar para a população brasileira (2ª ed.)*. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

CARVALHO, Isabel Cristina. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. Cortez Editora, 2008.

COELHO, Denise Eugenia Pereira; BÓGUS, Cláudia Maria. Vivências de plantar e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores. **Saúde e sociedade**, v. 25, n. 3, p. 761-770, 2016.

EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018.

JESUS, Maria Priscila dos Santos de; YLLAS, Yayenca Frachia. Amor de Amoras: a integração entre a Educação Ambiental e a Literatura Antirracista no Ensino Fundamental brasileiro. *Revista Bio-grafia: escritos sobre la Biología y su enseñanza*, [S.l.], n. esp., 2024. Memorias XII Congreso Latinoamericano de Enseñanza de la Biología y la Educación Ambiental. ISSN 2619-3531. Disponível em: <https://revistas.upn.edu.co/index.php/bio-grafia/issue/view/772/112>. Acesso em: 4 ago. 2025.

LINARES, Edelmira; BYE, Robert. ¡ La milpa no es solo maíz. **Haciendo Milpa la protección de las semillas y la Agricultura Campesina**, p. 30-32, 2011.

MARQUESE, Rafael de Bivar; TOMICH, Dale. O Vale do Paraíba escravista e a formação do mercado mundial do café no século XIX. **O Brasil Imperial 1831-1889**, 2009.

MAY, Tim. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Artmed, 2004.

THIOLLENT, Michael. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez editora, 1986.

PRIMAVESI, A. **Manual do solo vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio**. 2.ed.rev.--São Paulo : Expressão Popular. 205p. : il., 2016.

PRIMAVESI, A. **Manejo ecológico de pragas e doenças**: técnicas alternativas para a produção agropecuária e defesa do meio ambiente (p. 137). Nobel, 2016b.

PRIMAVESI, A. **Cartilha da terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

PRIMAVESI, A. Fundamentos de Agroecologia. in: Agricultura orgânica & agricultura familiar. 2021. Disponível em: <https://anamariaprimavesi.com.br/2020/01/17/fundamentos-de-agroecologia/> Acesso em 13 de out. de 2023.

RAMPAZO, Alexandre. A cor de Coraline. **Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores**, 2018.

SEQUEIRA, Alejandro. **Huerta, calendario ilustrado**. Uruguay: Ediciones de La Plaza, 2020.

YLLAS, Y. *et al.* Contribuição do planejamento dialógico na construção de escolas democráticas rumo à cidadania planetária. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, v. 105, n. 1, p. e5680, 4 abr. 2024. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/5680> Acesso em: 12 abr. 2025.

YLLAS, Y. A horta pedagógica que nutre diversas dimensões do cotidiano escolar. *Revista Maracanan*, [S. l.], n. 34, p. 144–173, 2023. DOI: 10.12957/revmar.2023.78534. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/maracanan/article/view/78534>. Acesso em: 5 ago. 2025.

YLLAS, Y. A horta agroecológica como tecnologia social educativa: Uma pesquisa-ação junto à Escola Municipal Pedro Ernesto, no Rio de Janeiro. 368 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Tecnologia para o Desenvolvimento Social) – Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro/RJ, 2023. Disponível em: http://nides.ufrj.br/images/PPGTDS/Dissertacoes/Ano_2023_-_13_-_Dissertacao_-_Yayenca_Yllas.pdf Acesso em: 18 set. 2024.